

**UNIVERSIDADE FEDERAL TECNOLÓGICA DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PORTUGUÊS/INGLÊS**

MARIA JOSÉ FERREIRA STROGENSKI

**UMA ANÁLISE DIACRÔNICA DO VERBO *IR* E SUAS DIFERENTES
SIGNIFICAÇÕES NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2013

MARIA JOSÉ FERREIRA STROGENSKI

**UMA ANÁLISE DIACRÔNICA DO VERBO IR E SUAS DIFERENTES
SIGNIFICAÇÕES NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

Trabalho de Conclusão do Curso de Curso apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Graduação em Letras Português Inglês, do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão – DACEX e do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para a obtenção do título de professor .

Orientador: Prof. Dr. Paulo Juarez Rueda Strogenski

CURITIBA

2013



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Curitiba
Diretoria de Graduação e Educação Profissional
Coordenação de Letras Português-Inglês
Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês



TERMO DE APROVAÇÃO

UMA ANÁLISE DIACRÔNICA DO VERBO *IR* E SUAS DIFERENTES SIGNIFICAÇÕES NO PORTUGUÊS DO BRASIL

por

MARIA JOSÉ FERREIRA STROGENSKI

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 25 de abril de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português Inglês. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Professor Doutor Paulo Juarez Rueda Strogenski
Professor Orientador

Professora Doutora Andréia Rutiquewiski Gomes
Membro titular

Professora Doutora Rossana Finau
Membro titular

- “A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”

RESUMO

STROGENSKI, Maria José Ferreira. Uma análise diacrônica do verbo *ir* e suas diferentes significações no português do Brasil. 2012. TCC (Curso de Licenciatura em Português Inglês) Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas e

Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão da Universidade Federal Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2013

Este é um Trabalho de Conclusão de Curso sobre o percurso do verbo *ir* ao longo da história do Português. Está fundamentado na Teoria Sociolingüística Variacionista, sob a perspectiva da Mudança Lingüística e baseado nas idéias de Hopper e Traugott, especificamente na obra dos autores, *Gramaticalization*. A metodologia adotada prevê um trabalho diacrônico, através do qual verificar-se-ão as diferentes significações do verbo *ir* na história do Português, após o romance, em contextos morfossintáticos. Espera-se descobrir que características e significações o verbo apresentou para se estabelecer como um auxiliar de futuro.

Palavras-chaves: *verbo ir auxiliar; verbo pleno; formas perifrásticas, formas sintéticas.*

ABSTRACT

STROGENSKI, Maria José Ferreira. Uma análise diacrônica do verbo *ir* e suas diferentes significações no português do Brasil. 2012. TCC (Curso de Licenciatura em Português / Inglês) Departamento de Comunicação e Expressão da Universidade Federal Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2012

The purpose of this study is to investigate the verb *to go* over the history of the Portuguese language. The initial hypothesis is that it is possible to demonstrate the changing aspects of the verb in its history. It is based on the Variation Sociolinguistics Theory, from perspective of Linguistic Change and based on ideas of Traugott & Hopper (1993). The approach traces the history of linguistic changes through a diachronic viewpoint study, which occurs through the different meanings of the verb *to go* in the history of Portuguese since *romanzo*. Examples of the verb *to go* during centuries are presented as well as an analysis of Morpho-Syntactic contexts. The results have shown that it is possible to study the grammaticalization process of this in a diachronic study.

Keywords: auxiliary verb *to go*; full verb; periphrastic forms, synthetic forms.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 METODOLOGIA	08
3 AS PERSPECTIVASTEORICAS DA GRAMATICALIZAÇÃO	11
4 ENTENDENDO O VERBO IR	15
4.1 AS PERIFRASES COM IR.....	18
5 A HISTÓRIA: DO LATIM AO PORTUGUÊS	21
5.1 A TRANSIÇÃO DO LATIM PARA O PORTUGUÊS.....	21
5.2 A TRANSIÇÃO DO IR.....	25
5.3 O VERBO IR NO PORTUGUÊS ARCAICO.....	28
6 UMA ANÁLISE DO VERBO IR E SUAS DIFERENTES SIGNIFICAÇÕES	31
6.1 SÉCULO XIII.....	31
6.2 SÉCULO XIV.....	32
6.3 SÉCULO XV.....	35
6.4 SÉCULO XVI.....	37
6.5 SÉCULO XVII.....	38
6.6 SÉCULO XVIII.....	39
6.7 SÉCULO XIX.....	40
6.8 SÉCULO XX.....	41
7 ANÁLISE SOB UMA PERSPECTIVA SINCRÔNICA DO VERBO IR	44
CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47

1 INTRODUÇÃO

Em função de uma pesquisa extensiva sobre as formas de expressão de futuro no português, que originou uma dissertação de mestrado sobre o mesmo tema, em especial sobre a expressão do tempo futuro através de perífrases, percebeu-se que seria de grande relevância estudar e compreender o processo de gramaticalização do verbo *ir*.

Como parte do estudo do processo de gramaticalização, entendeu-se ser necessário realizar-se uma pesquisa sobre a história do verbo *ir*, registrando seus contextos semânticos e sintáticos nos diferentes períodos.

O objetivo do presente trabalho foi o de realizar um estudo sobre a história do verbo *ir*, do latim ao português atual, com registros de exemplos do verbo nos diferentes períodos, sem, contudo, um aprofundamento ou análise das ocorrências. A questão que o instigou foi justamente a de se descobrir se é possível perceber o processo de gramaticalização do verbo *ir*, através de uma perspectiva diacrônica.

Entende-se que os resultados obtidos são relevantes, porque se verificou que foram muitas as investigações sobre o verbo *ir* em relação ao seu papel como um auxiliar de futuro no português do Brasil, porém, muito poucas, ou quase nenhuma, sobre a sua história.

De um ponto de vista histórico, acredita-se na ideia de que será possível registrar o processo de gramaticalização do verbo. Todavia, contar sua história não é suficiente para explicar, em nível diacrônico, o processo de gramaticalização. Para isso, será necessário um aprofundamento maior, com uma análise detalhada do processo, através de pesquisas posteriores.

Como forma de facilitar a historização do verbo *ir* este trabalho foi dividido em seções: a primeira tratará da metodologia adotada, haja vista que é de extrema relevância explicar alguns conceitos teóricos para que se inicie a leitura do estudo em si.

Em seguida, apresentar-se-á uma explicação sobre o verbo *ir*, seus significados e funções como verbo pleno e auxiliar, para depois se apresentar sua transição do latim ao português atual.

A quinta seção tratará do verbo *ir*, especificamente durante o período do português arcaico, para na sexta serem apresentados os diferentes significados que o verbo teve, o que será melhor compreendido através dos exemplos, retirados de diferentes períodos.

Finalmente, nas considerações finais, espera-se haver conseguido atingir os objetivos que motivaram esta pesquisa, tais como analisar o contexto morfossintático de ocorrência do verbo *ir*, investigar as possíveis alterações semânticas e sintáticas do verbo no decorrer dos períodos e observar se é possível determinar um processo de gramaticalização do verbo, em se tratando de verbo auxiliar de tempo.

2 METODOLOGIA

Face as diferentes perspectivas e definições consideradas pela Linguística, algumas questões e conceitos merecem um detalhamento melhor.

A primeira delas refere-se ao tipo de pesquisa que foi adotada. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica/exploratória, porém, sem o compromisso de ser documental, face à dificuldade de acesso a documentos antigos em português arcaico ou clássico, por exemplo. Observe-se que foi utilizada uma única obra para o registro dos exemplos de linguagem arcaica, do Dr. José Joaquim Nunes. Julga-se importante este esclarecimento, por significar que se dependeu da seleção de textos do autor para a compilação dos exemplos. Há, na referida obra, tanto textos de cunho jurídico, quanto narrativas e pequenas histórias. Tal obra não apresenta nenhuma discussão ou crítica sobre os textos. Portanto, o corpus que compôs o trabalho foi construído com exemplos do livro do Dr. José Joaquim Nunes, do qual foram retirados exemplos entre os séculos XIII e XVI, porque uma compilação de exemplos de outras obras exigiria uma elaboração de critérios de escolha, além de

acesso a obras deste período, o que iria além das possibilidades para a realização desta pesquisa.

Decidiu-se pela seleção de somente frases com ocorrências do verbo para as explicações semântico/sintáticas, sem haver preocupação com o contexto do exemplo.

Os exemplos do século XVII foram retirados dos sermões do Padre Vieira e os do século XVIII, foram buscados em textos de Jeronymo Soares Barbosa. Quanto aos exemplos dos séculos XIX e XX, estes foram retirados de obras da literatura brasileira dos períodos.

Iniciou-se o trabalho falando-se que este não seria um estudo do processo de gramaticalização do verbo *ir*. Todavia, foi necessário que se estabelecessem bases teóricas para o desenvolvimento da pesquisa. Foram, portanto, selecionadas duas teorias a respeito da gramaticalização e que fundamentaram a pesquisa.

A primeira foi a teoria de Weinrich, Labov e Herzog (2006), para os quais a gramaticalização tem sido estudada sob duas perspectivas: uma delas é a histórica, através da qual se investiga a origem de formas gramaticais e o caminho típico da mudança e suas influências. Desta perspectiva, acredita-se que itens gramaticais, em certos contextos de uso, tornam-se mais gramaticais. A outra parte de uma visão sincrônica, vendo a gramaticalização como basicamente sintática e um fenômeno pragmático, para ser estudado sob um ponto de vista de modelos do uso da linguagem. Isso significaria usar padrões de pesquisa sociolinguísticos, como estratificação social, escolaridade, sexo, etc. de um determinado grupo.

Em relação as opções teóricas dos autores, decidiu-se pela primeira perspectiva, a de ver-se o processo diacronicamente.

Para Weinrich, Labov e Herzog, Ferdinand de Saussure ao analisar o estudo sincrônico, não se preocupou com um estudo diacrônico aprofundado da língua, por considerar intratável a mudança linguística. Isso acarretou um estudo incompleto, na medida em que Saussure e outros teóricos linguísticos formulavam bases idealizadas sobre o funcionamento dos sistemas da língua.

Para os autores, um estudo abrangente e mais aprofundado da língua exige uma perspectiva histórica da mudança linguística, através da qual é possível verificar os processos de mudança no decorrer do tempo.

Segundo essa visão, todas as línguas apresentam formas coexistentes, ou meios alternativos de dizer a mesma coisa. Para cada enunciado em *A* existe um enunciado correspondente em *B* que oferece a mesma informação referencial. Para se entender o surgimento da coexistência, é preciso um estudo histórico de domínios da linguagem e intimamente linguísticos. É preciso que se estudem os fatores condicionantes da mudança, além do encaixamento e da implementação das novas formas. Contudo, esse estudo, sob uma perspectiva dos fatores condicionantes e, principalmente, sociais, não é possível quando se trata de partes da história das línguas das quais só se tem registro escrito e documentado. Em função disso, é preciso que se façam estudos sincrônicos da mudança. Para isso, adotou-se a teoria dada por Hopper e Traugott (1993) que será vista em 3.

O que se buscará é justamente demonstrar a mudança do verbo *ir* que, além do seu sentido pleno, já era utilizado como auxiliar no português arcaico. Todavia, seu papel como verbo auxiliar acabou ganhando novas conotações, apresentando um processo de especialização como forma de expressar futuro. Para chegar a isso, no entanto, ele passou por um processo de mudança na língua, e o que se fará aqui será somente registrar este processo. O verbo *ir* vem sofrendo esse processo ao ocupar mais de uma função categorial – de verbo auxiliar e de verbo pleno – em um *continuum* a ser observado diacronicamente, neste estudo. Logo, o que se fará será demonstrar somente uma parte do processo de gramaticalização.

Considerando-se as questões a serem abordadas em relação ao verbo *ir*, como verbo auxiliar, entendeu-se ser necessário, aqui, fazer-se uma diferenciação dos termos perífrase e locução verbal. Adotou-se, na redação da dissertação¹, o conceito de perífrase para o uso do verbo *ir* mais infinitivo, no qual *ir* tem seu significado esvaziado, (como em “*Vou comer uma fruta assim que acabar o*

¹ STROGENSKI, Maria José Ferreira. O USO DA EXPRESSÃO DO FUTURO EM TEXTOS LITERÁRIOS: Uma análise em tempo real de curta duração. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade federal do Paraná, Paraná.

trabalho” em lugar de “*Comerei uma fruta assim que acabar o trabalho*”) isto é, sem traço aspectual, atuando somente como verbo modal de tempo. Para os usos do verbo *ir* com infinitivo, nos quais o *ir* mantém seu traço aspectual, optou-se pela denominação de locução verbal (é o caso de “*Quando vou sair para comer uma fruta*” que não pode ser substituído por “*Quando sairei para comer uma fruta*”, pois a substituição significa mudança de significado da oração).

Entende-se que uma pesquisa sobre a gramaticalização do verbo *ir* implicaria em uma visão sincrônica, para se demonstrar o papel do verbo como auxiliar de futuro, no português do Brasil. No entanto, para isso, ou para se falar sobre o contexto aspectual apresentado pelo verbo, é necessário verificar seus anteriores contextos semânticos para se entender de que maneira ele chegou às funções que assume hoje.

Apresentados os exemplos, foi somente demonstrado o contexto semântico/sintático, sem ter havido qualquer preocupação em explicar a especialização ou auxiliarização do verbo, embora isso possa parecer evidente em alguns momentos.

Finalmente, reitera-se que esta é uma pesquisa de cunho diacrônico, que, carece de uma pesquisa sincrônica, para se observar detalhadamente o processo de gramaticalização do verbo.

3 AS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA GRAMATICALIZAÇÃO

Considerando-se as afirmações feitas na metodologia, faz-se importante Tecer algumas considerações sobre a teoria da gramaticalização.

O termo gramaticalização foi utilizado pela primeira vez pelo linguista francês Antoine Meillet, discípulo de Saussure e o primeiro a trabalhar o assunto. Seu trabalho serviram de base para diversas pesquisas posteriores.

Mais tarde, os trabalhos de Gabelentz sugerem que gramaticalização é o resultado de duas tendências competidoras, uma tendência em direção a facilitar a articulação e a outra em direção à distinção.

Gabelentz (*apud* Hopper e Traugott, 1993) notou que o processo de recriação de formas gramaticais é recorrente e que as condições para um ciclo estão sempre presentes na linguagem.

Hopper e Traugott (1993) definem gramaticalização como o processo pelo qual construções e itens lexicais chegam em certos contextos linguísticos, para cumprir certas funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Para os autores, um item lexical, durante o processo de gramaticalização, passa por algumas etapas, entre elas a que eles denominaram de *cline*.

Um *cline* é o resultado de um processo no qual uma forma é transferida de uma categoria gramatical para outra, através de transições graduais. Como exemplo de “clines” pode-se citar a progressão de um nome lexical para uma frase, para advérbio ou preposição, etc. Sincronicamente eles podem ser, ainda, classificados como um *continuum*. Um *cline* sai de construções livres para construções mais vinculadas.

Os nomes, os verbos e os adjetivos são exemplos de itens lexicais. As palavras são usadas para relatar ou descrever coisas, ações e qualidades. As preposições, conectivos, pronomes e demonstrativos, são, então, as chamadas formas dependentes. Elas servem para indicar relações entre as palavras (preposições), ligar partes do discurso (conectivos), indicar entidades e participantes do discurso, já identificados ou não (pronomes e artigos), e demonstrar se elas estão de acordo com o falante ou ouvinte (demonstrativos). Frequentemente, pode ser demonstrado que as formas dependentes têm origem nos itens lexicais. Quando um item lexical assume características gramaticais de uma forma dependente, esta forma é chamada de gramaticalizada.

Em um *cline*, sob o ponto de vista da mudança, as formas não são transferidas abruptamente de uma categoria para outra, mas atravessam uma série de transições graduais, transições que tendem a ser similares através dos tipos de linguagem. A progressão de um nome lexical, para uma frase narrativa, para advérbio e preposição, e talvez mesmo para um caso de afixo, são exemplos do que se entende por um *cline*.

Um *cline* sai de construções livres para construções mais vinculadas. Normalmente, algumas categorias podem ser caracterizadas por formas de diferentes lugares nos *clines*. Essas formas podem ser denominadas de perifrásticas.

Em cada etapa de mudança, duas construções competem (tipicamente separadas uma da outra, por nuances de significado, tal como “we will” versus “we are about to”) e, eventualmente, uma perifrástica vence, reaparecendo mais tarde como uma nova forma perifrástica. Esse processo, ainda conforme os autores, chama-se *renewal*. O *renewal* é a tendência de uma forma perifrástica morfológica recolocar-se após um tempo.

É importante citar os mecanismos denominados reanálise e analogia, sendo a reanálise, de acordo com os autores, o mais importante mecanismo para a gramaticalização e as mudanças.

A reanálise consiste no desenvolvimento de uma nova categoria gramatical, como resultado da restrição de um sub-grupo, em formar verbos principais dentro de classes fechadas. A reanálise opera juntamente com a axis sintagmática de uma estrutura linear e é o maior fator de mudança. A analogia, por contraste, opera juntamente com a axis paradigmática de opções. Ela e a analogia são os maiores mecanismos de mudança da língua. Elas não definem gramaticalização, não coexistem, mas a gramaticalização não ocorre sem elas.

Contudo, o mais importante é entender que não existem mudanças abruptas, pois sempre duas formas coexistem por um tempo, até que uma saia vencedora. Existem formas que coexistem por até séculos.

Sob uma perspectiva diacrônica, a gramaticalização é um fenômeno unidirecional. Unidirecionalidade é quando um item lexical tem um uso comum e necessariamente atende uma função do discurso. Ele então torna-se sintaticamente fixo (tornam-se construções) e podem eventualmente solidificarem-se morfológicamente. A suposição básica é que há uma relação entre os estágios A e B, tal que A ocorre antes de B, mas não vice versa.

Dado o princípio da unidirecionalidade, há a hipótese de que, diacronicamente, todas as categorias gramaticais, denominadas pelos autores de menores, como adjetivos e advérbios, têm suas origens nas categorias gramaticais maiores, como nome e verbo. Há processos que participam da unidirecionalidade, tais como especialização, divergência e renovação.

Segundo Hopper & Traugott (1993), existem alguns parâmetros entre os estágios da gramaticalização. Esses parâmetros são úteis para entender o processo de gramaticalização do verbo *ir*. São eles:

Estratificação: duas formas podem coexistir, uma inovadora e outra antiga com função similar, pois novas camadas surgem continuamente, no que se refere a um domínio funcional.

Divergência: uma forma gramaticalizada não perde totalmente sua significação original, isto é, ela pode permanecer lexical, independente e continuar sua evolução normal como unidade lexical.

Especialização: Em termos de domínio funcional, isto é, em termos de função de uma forma em um sistema linguístico, podem coexistir formas com pequenas diferenças semânticas. Com o processo de gramaticalização, algumas formas adquirem significados mais gerais, o que leva a outra forma a especializar-se e tornar-se obrigatória.

Persistência: uma forma gramaticalizada pode manter seu significado lexical original e isto pode restringir seu uso, em alguns contextos.

Descategorização: um dos conceitos de gramaticalização é o fato de uma determinada forma mudar de uma categoria, alterando seu estatuto categorial.

Sendo assim, este trabalho toma por base os conceitos destes autores, e conceitua o verbo *ir* como um *cline*, sem uma análise do processo de reanálise do verbo, o que explicaria de forma mais completa o processo de gramaticalização.

4 ENTENDENDO O VERBO IR

Antes de se começar a demonstrar o processo de mudança do verbo *ir*, faz-se necessário entender, como o verbo *ir* tem sido visto e estudado, hoje.

As gramáticas tradicionais trazem explicações sobre os verbos e no caso do verbo *ir*, Cunha (1980, p. 439), por exemplo, cita que “*na língua falada o futuro simples é de emprego relativamente raro. Prefere-se, na conversação, substituí-lo por locuções constituídas*”. Para Cunha são locuções constituídas as construções formadas com um verbo auxiliar mais o verbo principal (p. 379). Entre elas, ele exemplifica que para exprimir um futuro próximo, na língua falada, são utilizadas locuções com presente do indicativo do verbo “*ir*” + infinitivo. E dá o exemplo: “-*Parece que vai sair o Santíssimo, disse alguém no ônibus.*” (Machado de Assis, OC, I, 759).

Nestes casos, explica o autor, somente o verbo auxiliar é conjugado. Ele cita como verbos auxiliares mais comuns os verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*. Observa ainda, que estes verbos auxiliares, quando acompanham uma forma nominal de outro verbo, constituem um “todo significativo”, isto é, perdem seu valor de verbos plenos e junto com o outro verbo adquirem um significado novo. Ele cita então outros verbos auxiliares, os verbos *ir*, *vir* e *andar*, como verbos que também podem servir de auxiliares e explica que *ir* + *infinitivo* dá a ideia de uma ação que se pretende realizar em um futuro próximo.

As explicações de Cunha foram vistas, porém, salienta-se que quando ele faz referência à perífrase composta com o verbo *ir* + *inf.*, no caso do modo imperativo (p. 455), ele menciona esta perífrase para exemplificar a valorização do sentido do verbo. O gramático entende que as perífrases formadas no imperativo, com o verbo *ir* ou *vir*, valorizam sobremaneira o verbo principal e dá os exemplos a seguir:

- Não confessei coisa alguma; e não **vá** por isso **adoecer** outra vez.
(J. de Alencar; OC, IV, 424.)
- Não **venha** me **dizer** que está arrependido.
(A.M. Machado, JT, 115.)

Nestes exemplos, a locução realiza, de fato, uma função estilística, atenuando o efeito do imperativo: ... e **não adoeça** outra vez. **Não diga** que está *arrependido*. Permanece, ainda, um contexto de futuridade expresso pelo próprio imperativo (como algo a ser “obedecido”), reforçado pelos verbos *ir* e *vir*: *não vá adoecer – não adoeça depois..., Não volte para dizer*.

Para Ilari (2001, p.36) todo predicado comporta um “esquema temporal subjacente”. Esta é uma constatação fácil de se verificar, ao se pensar que alguns processos, como *correr* e *ler*, podem durar indefinidamente, pois não têm limite imposto pela natureza da ação, enquanto que *correr os quatrocentos metros rasos* ou *ler Guerra e Paz* têm um limite intrínseco e só duram até seu complemento natural. Além disso, a questão não estaria na definição do tempo, mas no estudo das expressões e construções que o indicam e, conseqüentemente, o significam. É possível estabelecer, segundo Ilari, três processos sobre a duração do tempo subjacente do verbo, que ele classificou como:

- processos pontuais;
- processos duráveis, que evocam a ideia de “tempo gasto”, “tempo empregado”;
- e processos duráveis que evocam a idéia de “tempo escoado” e, entre esses últimos, os que indicam estados (como “ser brasileiro”) e os que indicam atividade (como “correr”, “ler”). (p. 39)

O verbo *ir* se encaixaria no denominado “processo durável”, por remeter a um processo homogêneo, isto é, quem vai a algum lugar durante o dia, o faz a cada minuto do tempo que levou para chegar ao lugar pretendido, em um processo de *ir*. Diferente de quem faz um trabalho durante a semana, que não o faz a cada minuto da semana, mas em momentos estanques.

Para o autor, o português do Brasil não possui uma conjugação própria para indicar o processo durativo. Para essa função existem os adjuntos que qualificariam a duração do processo e de auxiliares que veiculam (possivelmente entre outras) a ideia de duração.

Menon (2003, p.4) explica que os verbos *andar*, *ir* e *vir*, são verbos de movimento que indicam um deslocamento de um ponto a outro. Sobre essa noção de deslocamento, a autora esclarece que “a *literatura sobre o assunto já demonstrou que a metáfora espacial gera frequentemente a metáfora temporal*”. Segundo ela, os verbos *ir* e *vir* passaram pelas mesmas etapas de gramaticalização, ou seja, ambos iniciaram o processo por possuírem um sentido de deslocamento espacial simples, seguido por um sentido de deslocamento espacial com finalidade específica. Depois houve uma etapa em que os verbos, como auxiliares, poderiam vir ou não acompanhados de preposição e, finalmente, a construção sem preposição, que passou a ser a mais usada, momento no qual atenuou-se o sentido de deslocamento com um objetivo específico a ser realizado, ou como algo que estava na iminência de acontecer, culminando como algo de possível realização. Esse processo é que teria culminado com a construção perifrástica para representar o futuro em português.

Menon cita, para exemplificar o que foi dito, Zurara (1463):

[...] dizia elle que se fosse allfaqueque averia causa de *viir* a çidade *pera dar* novas do que os mouros [trautasse]. (319/420).

Ca todos vossos naturais averiam rrazão de vos *viir* aqui *servir* (194/480)

[...] por serem vossos criados e naturais, e em fim *vão servir* outros senhores com ho que lhe vos dais e com muito menos podem *vir* a esta cidade e *servir-vos* em ella [...] (194/489).

O processo pode ser melhor compreendido com o seguinte exemplo:

O rei **vai** a Ceuta **a combater** mouros.

Há, nos exemplos, um tipo de construção já arcaica na língua, a indicação de que alguém vai a algum lugar fazer alguma coisa.

4.1 AS PERIFRASES COM IR

Para Soares Barbosa (1822) o verbo *ir* junto com um verbo no infinitivo, conforme exemplo citado por ele (*Vou escrever*), dá a ideia de um futuro próximo, correspondente aos aoristos e futuros próximos dos gregos. Verifica-se, com base no autor, que a perífrase formada com o verbo *ir* era uma construção conhecida e que apresentava valor de futuridade. Ele ainda apresenta diferentes significados do verbo, que serão vistos mais adiante, ao se tratar os períodos, especificamente.

Eduardo Carlos Pereira (1950, p. 135), ao tratar das conjugações verbais faz referências às conjugações perifrásticas, que seriam certas locuções verbais em que dois ou mais verbos concorrem para a expressão de uma ideia acessória da ação verbal. É o último verbo da locução que exprime a ação que se quer expressar, enquanto os outros exprimem modo e o tempo em que ela se realiza. Pode-se acrescentar às ideias do autor, que os verbos auxiliares, além de expressarem o modo e o tempo em que a ação se realiza, expressam também uma noção intrínseca de duração, expressa pela noção de aspecto.

Said Ali (1971) trata como conjugação composta “a combinação de um verbo relacional (auxiliar) em suas diversas formas com o infinitivo, gerúndio ou particípio do pretérito de um verbo nocional [...]”. Na conjugação composta emprega-se o presente para demonstrar um ato que se realizará, porém durativo ou iterativo, que poderá abranger o momento da fala ou excedê-lo.

Mattoso Câmara (1976, p. 145) considera que os verbos seguidos de infinitivo não-flexionado são uma série aberta e o sentido da construção centraliza-se na significação lexical do verbo que o acompanha. O verbo auxiliar, com uma gramaticalização mais forte, tem um sentido esvaziado, sendo um mero índice da categoria que exprime.

O autor entende, ainda, que os verbos mais gramaticalizados nessa condição, de auxiliares de um verbo infinitivo, são o *ter de + infinitivo* e o *ir+ infinitivo*. Ele explica que a perífrase com *ir+inf.* tem tanto um valor aspectual quanto modal, pois, de um lado ela expressa a intenção de fazer alguma coisa (característica modal) e de outro, ela expressa futuridade.

Em outra obra, Mattoso Câmara (1976, p. 170) explica que se o valor modal assinala a intenção de se fazer alguma coisa, o valor aspectual exprime um aspecto *sui generis*, isto é, indica o que ainda vai acontecer. Seria para Câmara este valor aspectual que expressaria na perífrase a ideia de futuro, a partir do presente, do pretérito ou de outro futuro. Para ele:

As locuções com o presente de *ir* tiram sua motivação e sua frequência de emprego da significação modal e aspectual que contém. Assim, o que elas substituem é o presente simples para assinalar a mais a atitude psíquica de intenção e expectativa. (p. 171)

Em relação à perífrase formada com o verbo *ir*, é natural que ela expresse algo que ocorrerá após o momento da fala. Mattoso Câmara faz ainda referência à evolução semântica das locuções com o verbo *ir*, que adquirem uma ideia de futuro amplo, designando qualquer fato posterior ao momento da fala. A perífrase formada com o verbo *ir*, com valor de futuro do presente, possui, segundo o estudioso, “dois elementos semânticos que apenas podem acrescentar-se à significação temporal básica, ou podem obliterá-la, fazendo então da locução, respectivamente, uma perífrase modal ou uma construção lexical”. Nesse sentido, se o auxiliar no presente constrói uma noção temporal de futuro, de forma análoga, o auxiliar no pretérito imperfeito constrói uma noção temporal de futuro em relação ao passado. É o caso, então, da perífrase formada com o verbo *ir* no pretérito imperfeito com sentido de futuro do pretérito, que podem substituir as formas verbais terminadas em *-ria*, além das locuções formadas com verbos modais, como *dever*, *poder*, também no pretérito imperfeito, que constituem três variantes mórficas com uma mesma significação básica.

Mattos e Silva (2006, p. 143) explica que a perífrase com o verbo *ir+inf.* já era usada no português arcaico “*para a expressão de uma intenção a realizar-se*” e ela cita os seguintes exemplos:

Vou demandar outro lugar

*la tomar o pan*²

Ilari (2001, p. 37) observa ser interessante as gramáticas tradicionais citarem como verbos auxiliares *ter*, *ser* e *haver* sem darem a devida ênfase ao verbo *ir*, dada a frequência com que este verbo aparece em perífrases formadas com o verbo *ir* + *infinitivo*, para indicar futuro do presente ou do pretérito.

Alguns estudos vêm demonstrando a coerência desta afirmação. Este é o caso do estudo realizado por Görski *et alii.* (2002), sobre a variação da expressão do futuro na língua oral de Florianópolis. As autoras, além dos resultados verificados naquele estudo e que corroboram o ponto de vista de Ilari, levantaram três hipóteses que nortearam o trabalho e que se confirmaram:

- a. a perífrase vem assumindo o espaço reservado ao futuro do presente, alternando seu uso com o presente do indicativo na expressão temporal do futuro;
- b. a variação é fortemente condicionada por fatores semântico-discursivos, especialmente de natureza temporal e modal; e
- c. a perífrase é a forma mais recente na codificação do tempo futuro, configurando-se uma mudança em tempo aparente. (p. 228)

Elas concluem afirmando que a perífrase formada com o verbo *ir* + *inf.* está conquistando o lugar do futuro do presente, principalmente entre a população mais jovem. A perífrase predomina em contexto *realis*, factual, e está vinculada ao traço modal de certeza, de maior intenção e em contextos com traço modal de futuridade, em que cabe ao verbo indicar o tempo futuro. Há uma dupla motivação para a seleção das variantes que representam o futuro, que ou é de natureza modal (mais pragmática), ou de natureza temporal (com viés mais semântico). Quando o item verbal contém um traço de + movimento, a variante tende a ser presente, ficando a perífrase condicionada pelo traço de menos movimento e, neste caso, caberia ao auxiliar *ir* esse papel³.

Além das perífrases com *ir* + mais infinitivo, existem as formadas com *ir*+ gerúndio, ou as acompanhadas dos verbos *poder* e *dever*.

² Os exemplos não contêm as referências das obras de onde foram retirados

³ As autoras não deram exemplo deste tipo de ocorrência, a não ser nos casos de orações condicionais, que, segundo elas, ao instaurarem um contexto de projeção futura, implementarão o uso do presente do indicativo. No entanto, não há exemplos com verbos no presente, com traço de (+ movimento), descrito por elas.

5 A HISTÓRIA: DO LATIM AO PORTUGUÊS

5.1. A TRANSIÇÃO DO LATIM PARA O PORTUGUÊS

Conforme Mendes de Almeida (1911, p. 14), se existiam seis funções no português, dentro da oração (função de sujeito, de vocativo, de adjunto adnominal etc.) existia no latim, para cada função, um caso. Portanto, no latim, o caso era a maneira de se escrever a palavra de acordo com a função que ela exercia na oração. Cada caso recebia um nome: nominativo, vocativo, genitivo, dativo, ablativo e acusativo e era a forma como apareciam os sufixos nas palavras que indicariam as chamadas declinações, que somavam um total de 5. Portanto, no latim havia 5 declinações com seis casos cada uma.

Segundo Soares Barbosa (1822, p.343) os casos do latim teriam vindo para o português através do uso das preposições. O autor explica que as preposições seriam terminações oblíquas dos nomes, e isso pode ser melhor entendido ao se analisar que há três modos pelos quais uma língua pode expressar de fato as relações que a ideia significada por um nome pode ter com outra. Ou serão utilizadas somente as *preposições*, isto é, partículas postas com esta finalidade, antes dos nomes, quer separadas ou juntas deles. Ou com as *posposições*, que seriam as mesmas partículas, porém quando acrescentadas ao fim e unidas ao nome, o que lhes dariam várias terminações, chamados de casos. E o terceiro modo seria a junção das *pré* e das *posposições*.

Línguas como o Português, o Espanhol, o Francês, o Italiano e o Inglês, servem-se das preposições. Já línguas como da Armênia ou o Alemão, utilizam as posposições, através das quais um nome pode criar suas diferentes relações sintáticas. Tais relações são as chamadas declinações.

As línguas que se utilizam das preposições exprimem com a mesma fidelidade e clareza todas as relações indicadas pelos casos em outras línguas. Porém, o Português ainda mantém traços dos casos, no que se refere ao uso dos clíticos (Comigo, Contigo, Convosco, Conosco, etc.), que são a única forma residual dos casos no português do Brasil.

Havia ainda no latim as flexões verbais. Carlos Pereira (1929, p. 160) elucida que o latim possuía quatro sistemas de flexões verbais ou conjugações.

No latim, o verbo era flexional, característica herdada pelo português, e era orientado para o sujeito da frase. Ele também era orientado para as categorias verbais de aspecto, tempo e modo, embora a marcação morfológica de aspecto não fosse muito nítida. Dessa forma, o aspecto também não permaneceu no português como uma categoria morfológicamente marcada, tendo ficado somente a oposição do perfeito/imperfeito, com ideia de evento ou ato conclusivo ou inconclusivo. (Mattos e Silva, 2006)

Havia 4 modos: o indicativo, o subjuntivo, imperativo e o infinitivo, que se subdividiam em presente, passado e futuro, como acontece ainda em português. Porém, em relação às divisões para expressão de tempo, havia o presente, que era indivisível; o passado, que se subdividia em imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito; e o futuro, divisível em imperfeito (que corresponde ao futuro do presente) e perfeito ou anterior (que corresponde ao atual futuro do presente composto). Não existia em latim o futuro do pretérito.

Segundo Coutinho (1976, p. 275), quanto aos tempos, ele afirma que não passaram para o português o futuro imperfeito do indicativo, o futuro do imperativo, o futuro do infinito, o particípio presente, o particípio do futuro ativo, o gerundivo, e o supino. Para suprir tais perdas, surgiu no português o futuro, o condicional (ou futuro do pretérito) as formas analíticas do presente e imperfeito da voz passiva, além dos tempos compostos.

Para Mattos e Silva (2006, p. 100) o latim passou por um grande processo de mudança morfológica, que culminou com uma simplificação no latim falado do Império Romano e que foi a base dos romances, origem das línguas românicas. Tal processo possivelmente ocorreu em função das mudanças fônicas que então aconteciam (a perda do traço de quantidade da vogal e enfraquecimento das consoantes finais são considerados os mais evidentes) e causaram não somente a simplificação da morfologia nominal no latim, como a reestruturação da frase do latim para as línguas românicas. Foram, assim, abandonadas as declinações, de forma que as funções sintáticas deixaram de ser marcadas pela flexão do nome e

passaram a ser marcadas pela ordem das palavras na frase, pelas relações semânticas entre os sintagmas e pela mudança do uso das preposições.

Carlos Pereira (1915, p. 199/200) apresenta um contexto mais detalhado, explicando que, entre o 2º e 1º século a.C., os romanos conquistaram a península Ibérica, estendendo seu domínio até a antiga Lusitânia e, mais tarde, Portugal. Como forma de manter seus domínios, eles construíram presídios e quartéis para as suas legiões. Houve, então, o estabelecimento de colonos romanos e oficiais do governo, que introduziram na região o hispano-romano, do qual se originaria o português.

O autor salienta, que, ao se falar do latim, é preciso que se esclareça que havia 4 tipos de latim, na época. O primeiro seria o latim clássico; o segundo o latim baixo; o terceiro o latim bárbaro e o quarto, seria o latim popular, do qual se originou o português. Este era o latim do povo, dos quartéis, isto é, um latim dos incultos ou dos povos bárbaros. Por essa razão, é que não se encontram muitos vocábulos latinos em nosso léxico, pois eles eram encontrados no latim clássico, que era o latim culto.

Do latim popular originaram-se as línguas românicas, entre elas o romance, ou românico, que designa, segundo Carlos Pereira (p. 262) a língua vulgar da época medieval, falada na França, Itália e Península Ibérica.

Nunes (1906, p. XVI) defende que já havia a existência do português no sec. VIII, o que pode ser verificado em alguns documentos da época, especialmente os jurídicos. Segundo o autor, neste período os textos eram escritos em latim bárbaro. Porém, os notários que redigiam os textos deixavam transparecer alguns termos usados na língua falada da época, isto é, em português. Foi somente no século XIII, portanto, que apareceram os textos completos nessa língua.

Mattos e Silva (2006,) explica que este português foi inicialmente denominado pelos estudiosos, em geral, como português pré-literário. Ele está subdividido em pré-histórico (no qual ainda não se percebem traços da futura variante românica que surgia no noroeste da Península Ibérica) e um português proto-histórico, normalmente situado a partir do século IX, e no qual tais traços já

podem ser detectados em documentos escritos no tradicionalmente chamado de latim bárbaro, veiculado na área românica antes das línguas românicas tornarem-se línguas oficiais. Surge, então, o período denominado de Português Arcaico.

O chamado Português Arcaico inicia-se no século XIII, período em que a língua aparece documentada, tendo como texto de referência deste período o *Testamento de Afonso II*, de 1214.

Neste período, o verbo latino havia sofrido profundas reestruturações em seu sistema modo-temporal. Esse sistema já havia sofrido, por sua vez, profundas reestruturações no latim corrente do Império Romano e daí surgiram os sistemas verbais românicos, entre eles o português, com um sistema novo quanto à organização aspecto-modo-temporal.

Porém, é somente no século XIV, especificamente em 1325, que D. Diniz legaliza o português como língua oficial de Portugal (p. 24). D. Diniz foi neto de Afonso X, filho de Afonso III, e rei de Portugal entre 1279 e 1325. Através de seus poemas é que se tem as mais antigas informações sobre a historiografia medieval em português. (p. 40)

Em se tratando do português arcaico não houve reflexão (como na maioria das línguas) que demonstrassem a relação entre os usos linguísticos e os períodos estudados. As primeiras obras com esta preocupação apareceram na língua portuguesa a partir de 1536, ou seja, em pleno século XVI. Isso porque o latim era a língua de cultura, até o início do Renascimento, e também era a língua da escola. Foi a partir do final da Idade Média que as línguas nacionais românicas começaram a ter significado cultural e político maior, e surgiram as gramáticas das línguas vulgares, isto é, das línguas românicas. (p 43)

O período dado como final do Português Arcaico é o século XVI e é determinado pelo início da normatização da língua, com o surgimento das primeiras gramáticas do Português, como a de Fernão de Oliveira, em 1536, e João de Barros, 1540. É, também, a partir do século XVI, que surgem as primeiras propostas de uma ortografia para o português.

5.2. A TRANSIÇÃO DO IR

O verbo *ir* foi proveniente do latino **ire** e apresentava lexemas heteronímicos, pois é proveniente de três verbos do latim, nas formas do não-perfeito: *vadere*, *ire* e *esse*. (Mendes de Almeida, 1911, p. 131). **ire** significava *deslocar-se em direção a*, *ir*, *caminhar*; assim como **vadere**, que além de significar *ir*, *caminhar*, significava ainda *dirigir-se para*, *marchar*; e o **esse**, que significava *ser*, *existir*, *morar*, *residir*, *estar num lugar e*, *ainda*: *ir*, *vir*, *chegar*. A proximidade de sentido em muitas das utilizações destes três verbos levou a que, na mudança para o português, algumas das formas de **ire** fossem substituídas pelas de **vadere** e **esse** .

-	Latim	Português
Infinitivo	ire	<i>ir</i>
Imperativo 2ªS.	ī	vai
Imperativo 2ªPl.	īte	ide

Fonte:http://pt.wikibooks.org/wiki/Latim/Verbos/Infinitivo_e_Imperativo

O verbo *ir*, portanto, completou a sua flexão com a forma oriunda de **vadere** (vou, vais, vai, vamos, vão; vá, vás, vades) cuja forma do perfeito era **fui**. Assim, o pretérito perfeito do indicativo (fui, foste, foi, fomos, fostes, foram), o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram), o futuro do conjuntivo (for, fores, for, formos, fordes, forem) e o pretérito imperfeito do conjuntivo (fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem) são formados a partir desse tema do perfeito (**fui**).

Porém, para Pereira (1929, p. 184), o verbo *ir* também contém a conjugação de três verbos, mas que para ele seriam: **ire**, **vadere** e **fugere**. Segundo este autor, o **fugere** teria perdido o *g* intervocálico tornando-se **fuere**, e confunde-se em sua forma com o perfeito de **sum** (fui). Para ele, há três temas distintos na formação deste verbo, conforme o quadro abaixo:

Português	Latim
Vou	Vâu ← vao ← vado, vaes ← vades ← vadis, vae ← vadit, vamos ← vadimus, ou imos ← imus, ides ← itis, vão ← vadunt.
la	Iva ← ibam, ias ← ibas ia ← ibat, iamos ← ibamus, ieis ← iaes ← iades ← ibatis, iam ← ibant.
Fui	Fui (latim popular) ← fugi, foste ← fuiste ← fugiste, foi ← fui ← fugit, fomos ← fuimus ← fugimos, fostes ← fuistis ← fugistis, foram ← fuerunt ← fugerunt.
Fôra	Fueram ← fugeram, foras ← fueras ← fugeras, fôra ← fuera ← fugerat, fomos ← fueramus ← fugeramus, fôreis ← forais ← forades ← fugeratis, foram ← fuerant ← fugerant.
irei	(forma romana) ire+habeo, etc.
iria	(f. roman.) ire+habebam, etc.
Vae	Vade, ide → ite.
Vá	Vaa ← vadam, vás ← vades, vá ← vadat, vamos ← vaamus ← vadamus, vades ← vaadis ← vadis, vão ← vaam ← vadant.
Fosse	Fuissem ← fugissem, fosses ← fuisses ← fugisses, fossem ← fuisset ← fugisset, fossemos ← fuissemus ← fugissemus, fosseis ← fossees, fossedes ← fuissestis ← fugissetis, fossem ← fuissent ← fugissent.
For	Fore ← fuerim ← fugerim, fores ← fuëris ← fugeris, for ← fuerit ← fugerit, formos ← fuerimus ← fugerimus, fordes ← foredes ← fueritis ← fugeritis, forem ← fuerint ← fugerint
<i>Ir</i>	ire (vadere e fugere), ido ← itum, indo ← (latim eundo). F. analógica.

Fonte: CARLOS PEREIRA, Eduardo. **Gramática Expositiva**: curso superior. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1907, p. 184.

Coutinho (1976, p. 317) demonstra essa discussão ao apresentar a posição de dois autores. Primeiro ele cita Ribeiro de Vasconcelos (1900, p.203)⁴, que também defende a ideia de que o terceiro verbo seria *fugere*. Para Ribeiro Vasconcelos o *g* intervocálico destas formas (no pretérito, que seria a fusão feita na conjugação de *ir* no português) teria caído já no latim vulgar. Assim *fugere* perdeu nas chamadas formas sincopadas a significação e *ir* perseguido, ou de evitar um

⁴ RIBEIRO DE VASCONCELOS; Antônio Garcia. Gramática Histórica da Língua Portuguesa (VI e VII classes do Curso dos Liceus), Coimbra, 1900.

perigo, uma ameaça, para conservar somente a ideia geral e fundamental de deslocamento de um para outro lugar. Ele acrescenta ainda:

As formas, em que se deu esta síncope, e em que se modificou a significação, foram apenas as do tema do perfeito, que pela queda do g ficaram exatamente iguais às do correspondente do verbo sum; nestes termos, no estudo prático da flexão verbal portuguesa, podem considerar-se estas formas como tendo sido emprestadas pelo verbo ser ao verbo ir, o que entretanto não deve admitir-se, quando se faça o estudo histórico da flexão. (p. 203)

O segundo autor, Bourciez⁵ (*apud* Coutinho 1976, p. 317) afirma que as formas do pretérito e tempos deles derivados originaram-se no verbo esse. Para ele as formas do auxiliar *fui*, *fuissem*, etc, puderam cedo substituir, quase todas as formas de *ire*, o que pode ter conexão com a confusão entre o lugar onde se está e o lugar para onde se vai. Portanto, permanece a dúvida.

Voltando ao quadro, nota-se que *ir*, no futuro, já aparece como forma perifrástica, junto com *habeo* (para o futuro do presente) e *habebam* (para o futuro do pretérito). Observa-se ainda que há discordância entre os autores, pois, segundo alguns, o latim não possuía um futuro do pretérito, como tempo constituído.

Quanto a isso, descobre-se em Coutinho (1976, p. 276) que a conjugação do futuro, ainda no latim, criava alguns equívocos. Em função disso, recorreu-se ao uso da perífrase verbal, formada pelo infinitivo de um verbo e o indicativo de *habere*. Havia, em princípio, liberdade na colocação do infinitivo, que podia aparecer antes ou depois de *habeo*, ou *habebam*. Porém, no último período do latim vulgar, e no início do romance, em sua primeira fase, o auxiliar passou definitivamente para o primeiro lugar da construção.

Em relação à perífrase, é relevante destacar alguns exemplos de Mendes de Almeida (1911). Ele salienta que, dentre as conjugações verbais em latim, existia o

⁵ BOURCIEZ, Edouard. *Éléments de Linguistique Romane*. 4 ed. Paris, 1916.

infinitivo futuro que já apresentava uma estrutura que lembra a perifrástica, no Infinitivo Passivo, conforme exemplos abaixo:

1ª *amatūiri* – deve ser amado, *ir ser amado*;

2ª *deletumiri* – deve ser destruído, *ir ser destruído*;

3ª *lectumiri*, deve ser lido, *ir ser lido*

Captuirri – deve ser tomado, *ir ser tomado*

4ª *auditumiri* – deve ser ouvido, *ir ser ouvido*.(p. 261)

aggredior, ěris, adeptus sum, grĕdi – *ir ter com*;

aggředialĭquem = *ir ter com alguém, chegar-se a alguém*. (p. 287)

Observa-se que o verbo *ir*, de maneira geral, já aparecia em grande parte, em locuções verbais. Além disso, percebe-se que o traço aspectual do verbo é que dá novo sentido aos verbos principais, característica que o verbo carrega até o português moderno.

5.3 O VERBO IR NO PORTUGUÊS ARCAICO

Para que este texto explicita as mudanças ocorridas com o verbo *ir*, nos diferentes períodos, torna-se importante adotar-se uma nomenclatura adequada para cada período, que possibilite uma visão mais detalhada. Utilizando-se como base o quadro apresentado por Castro (1988, p. 12 *apud* Mattos e Silva, 2006, p. 25), construiu-se um novo quadro com o intuito de tornar as diferenças de períodos mais didáticas. Todavia, esse quadro não corresponde à nomenclatura utilizada pelos especialistas no assunto:

Período	Nomenclatura adotada
Até sec. IX (882)	Pré-histórico
Até 1200	Proto-histórico

Entre 1300/1400	Português arcaico
Entre 1500/1600	Português pré-clássico
1600/1800	Português Clássico
1900/	Português moderno

Em relação ao português arcaico, Carlos Pereira (1929, p. 494) afirma que o verbo *ir*, como os outros auxiliares (*estar* e *andar*), caracterizava a modalidade da ação através do gerúndio ou com o infinitivo, e no presente encerrava um conteúdo significativo do verbo. Segundo o autor, a combinação de *ir* com o gerúndio ou infinitivo formava as perífrases verbais, que indicavam o começo da ação, a que os gramáticos chamariam de voz ou verbo perifrástico incoativo (p. 495). Esta definição, de acordo com os modelos, já aparecia no período arcaico.

Para Mattos e Silva (p.139), como auxiliar, o verbo *ir* pode apresentar-se associado a formas nominais com particípio passado, gerúndio e infinitivo (*fosse feito*, *ir andando*, *ir ver*), que são associações que ela denomina de sequências verbais, ou, na gramática tradicional, conjunções perifrásticas, subcategorizadas nos tempos compostos e nas locuções verbais.

As sequências verbais expressam conteúdos aspectuais e modais, semanticamente definíveis e têm em sua forma uma sequência formada com um verbo principal ligado a um verbo auxiliar. O verbo auxiliar carrega marcas de modo/tempo e pessoa/número. Segundo a autora, na tradição gramatical, o verbo *ir*, quando auxiliar, acompanha as formas do gerúndio, e não há consenso entre os autores sobre a denominação dada quando ele está ligado às formas com infinitivo, pois considera-se que ele seria auxiliar se mantivesse seu significado.

No presente estudo entende-se que isso seria verdade se, sempre que o verbo *ir* aparecesse como auxiliar de um verbo no infinitivo, tivesse seu sentido nulo. Em se tratando da pesquisa realizada, quanto à expressão do futuro (Strogenski, 2010), essa perspectiva não se sustenta, tendo em vista que há locuções em que o verbo *ir* aparece acompanhado de um infinitivo, sem contudo perder sua significação, como nos exemplos abaixo:

- (1) Quando **vou catar** as pedras, recebo na face direita um golpe violento, não sei se de algum objeto ou joelho, ou ponta de bota ou caratê, e o susto é maior do que a primeira dor.

O Estorvo, p. 74

- (2) Quando **ia beber**, cogitei se não seria melhor esperar que Capitu e o filho saíssem para a missa, beberia depois, era melhor.

Dom Casmurro, (p. 144).

Percebe-se que em exemplos como os acima, ainda que acompanhado de um verbo no infinitivo, o verbo *ir* não perde seu traço aspectual, tendo em vista, por exemplo, que a locução não pode ser substituída pela forma sintética do futuro do presente ou do pretérito sem haver prejuízo de significado:

- (1 a) Quando **catarei** as pedras, recebo na face direita um golpe violento, não sei se de algum objeto ou joelho, ou ponta de bota ou caratê, e o susto é maior do que a primeira dor.

O Estorvo, p. 74

- (2 a) Quando **beberia**, cogitei se não seria melhor esperar que Capitu e o filho saíssem para a missa, beberia depois, **era** melhor.

Dom Casmurro, (p. 144).

Voltando a Mattos e Silva, no português arcaico, quando o verbo *ir* aparecia acompanhado de formas no gerúndio, era semanticamente pleno e com significado lexical etimológico. No entanto, no caso da documentação arcaica há dúvidas se nessas sequências verbais com gerúndio haveria uma locução verbal ou se se tem duas orações com um dos verbos como principal e o gerúndio funcionando como uma subordinada reduzida temporal, uma vez que na locução há uma unidade sintático-semântica entre o verbo principal e o auxiliar que expressa um aspecto durativo, aliás estrutura que já existia no latim tardio. No caso do verbo *ir*, entretanto, havia a expressão de um aspecto durativo dinâmico, e ele já perdia seu valor semântico próprio. (142)

Isso pode ser confirmado nos exemplos de Carlos Pereira (1907, p.162) que explica que os verbos incoativos tinham sua ideia reforçada pela forma perifrástica, como em: *Os campos vão florescendo; O mar vai embravecendo.*

Ainda neste período havia um subconjunto de verbos classificados como intransitivos e até o Século XVI essas sequências verbais eram constituídas de verbos mais o particípio passado, expressando fato consumado. Mattos e Silva (2006, p.) cita como exemplos os verbos nascer, morrer, falecer, passar, chegar, correr e *ir*.

Segundo Dias (1959, p 250, § 326) essas combinações representavam literalmente os tempos compostos (= perfectum) dos depoentes latinos, constituídos de esse+particípio passado.

6 UMA ANÁLISE DO VERBO *IR* E SUAS DIFERENTES SIGNIFICAÇÕES

Muitas gramáticas e autores, referem-se às diferentes significações que o verbo *ir* adquiriu e perdeu, no decorrer do tempo. Apresentar-se-ão aqui alguns exemplos dos diversos significados do verbo, apenas como registro de sua grafia e significado⁶.

A seguir serão apresentados exemplos por século. Iniciar-se-á com o Século XIII, inserido portanto, de acordo com a seção 4.3, no denominado português arcaico. Ainda dentro do português arcaico estarão os exemplos dos séculos XIV, XV e XVI.

6.1. SÉCULO XIII

Em Nunes (1906), há diversos textos arcaicos, dos quais foram retirados alguns exemplos. Na p. 5, encontrou-se um exemplo do Sec. XIII:

⁶ Reitera-se que não foi feita uma análise detalhada, mas somente um registro das formas.

- (3) E, se per uentuyra alguẽ contra esta nossa costetjçõ quiser **hir**, perça quanto der pola possisson por pãa.(grifo nosso)

Neste exemplo observa-se que a grafia do verbo era com *h*. Essa mesma grafia pode ser encontrada ainda nos textos de Jerônimo Soares Barbosa. No entanto, para Coutinho (1976, p. 77) esse seria um pedantismo da chamada ortografia etimológica. Interessante ainda é o fato de, em latim, não aparecer com *h*.

Outro exemplo deste século está na página 10:

- (4) Nenhũ omẽ, poys que for outurgado dereytamente per mandado da sancta eygreia cũ algũa molher, nos seya ousado de casar cũ outra, dementre que aquella uiuer que nõ aia bẽeções cũ ella em eygreya e macar que nõ morarẽ em hũu. E esto mandamos da molher que for dereytaente outurgada cũ algũ.

Neste exemplo o verbo aparece em uma locução verbal, com um sentido parecido com o que mantém até hoje. Neste caso, pode-se traduzir como “for diretamente designada” (com sentido de casada: *E isso nós afirmamos da mulher que for diretamente casada com alguém*). Percebe-se que tanto sintaticamente quanto em termos de ortografia, o verbo já ocorre como em usos atuais.

6.2. SÉCULO XIV

Como exemplo do século XIV, tem-se:

- (5) ... sementarom discórdia que os trouuerom a tal tempo que, em querendo o infante ir a hu elrey era, elrey veo a duas legoas de Lisboa... (p. 31)

Este foi o primeiro exemplo encontrado com a grafia que é usada atualmente. Neste exemplo encontra-se uma significação na qual *ir a*, significa encontrar. Há uma diferença de uso no que se refere à regência do verbo, que admitia a preposição *a*, modificando - lhe o significado.

Ainda neste século há alguns usos que se perderam no português moderno. Nos exemplos abaixo:

- (6) E a rainha lhe disse que *lhe fosse por* ele e o trouessee encobertamente. (p. 18)
- (7) Vaamo-la ver. (p. 21)

No exemplo 6 o uso do clítico “*lhe*” indicaria “ir no lugar dele”. Essa é uma construção que desapareceu na língua. Em 7, o clítico ainda se mantém na língua, embora em franco declínio (principalmente com a concordância de gênero). Todavia, vale observar a perífrase, na qual o *ir* já indica uma ação que irá realizar-se. Em exemplos posteriores, aliás, esta é uma ocorrência recorrente.

Ao tratar dos verbos reflexivos, Epiphanio Dias falará do verbo *ir*, que pode apresentar uma forma reflexiva em alguns contexto – *Ir-se embora*. Há ainda alguns usos que permanecem cristalizados, como em “*Foi-se embora*”. Essa, porém, já é uma forma em desuso.

O segundo exemplo é uma locução, na qual prevalece o sentido aspectual do *ir*. Note-se que neste exemplo, a locução não pode ser trocada por uma forma sintética do verbo principal “veremos”, indicando futuridade. É o traço de movimento do verbo *ir*, que não só denota modalidade, com a ideia da certeza, como indica temporalidade, através da ideia de deslocamento espacial de um ponto a outro, transferida, metaforicamente, para algo que irá acontecer, conforme já visto em Menon (2003).

Em seguida, há exemplos que, conforme Nunes (1906), estariam em textos dos século XIII e XIV, e que demonstram que as explicações de Dias (conforme será visto a partir da página 37) aplicam-se também a séculos anteriores aos mencionados por ele:

- (8) E rrey Rramiro *foi-sse* lá em três galles cõ fidalgos e pedio-lhe aquella moura que lha desse e fal-la-ya cristã e casaria com ella. (p. 16)

Neste exemplo, *ir* aparece acompanhado de um pronome reflexivo “se”, o que, conforme dito, está se tornando cada vez mais raro no português moderno.

No exemplo 9, do mesmo período, é a preposição que chama a atenção. Verifica-se que, atualmente a preposição seria “foi com tamanha...”. Outro ponto interessante é o fato de já acontecer uma alternância de grafia:

- (9) A elrey Rramiro contarom este feito e foy em tamanha tristeza que foi louco hūs doze dias. (p. 17)

O verbo aqui aparece acompanhado da preposição “em”, uso arcaico atualmente. Verifica-se ainda a oscilação ortográfica, pois neste exemplo aparecem duas grafias para o *ir* no pretérito perfeito: *foy* e *foi*.

Serão vistos nos exemplos o verbo *ir* acompanhado de diferentes preposições e cabe aqui algumas explicações dadas por Epiphanyo Dias (1916, p. 18).

Mais tarde, no sec. XVI, conforme o autor, o verbo *ir* poderia estar acompanhado de um advérbio expressando como estão as coisas com alguém.

Cada um diz da feira como lhe vae nella. (prov), el rey de Cochín lhe mandou perguntar como lhe va e aos seus co(Castanh., 1, 74) como vos vay com vosso amo? (Chiado, Prat.,87) ⁷ (p. 18)

Podia estar acompanhado, também, das preposições *em*, *para*, expressando-se quanto tempo faz que uma coisa acontece ou aconteceu:

vay em dous annos que partimos dellas (Vanconc., Memorial, 75) vay em quatro meses no mais [=nõ mais] (Chiado, Regat., 98 v.) (p. 19)

Em relação ao uso da preposição *em*, Carlos Pereira (1915, p. 563/564) explica que em latim *in*, indicaria duas relações:

- a. lugar onde: regendo ablativo – *Sum in Italia* – estou na Italia; e
- b. lugar para onde, regendo acusativo: *Devenit in Italiam* – veio à Italia.

O autor explica esta construção, nas palavras dele “o povo acerrimo conservador das tradições da língua, ainda guarda em seu falar esta construção arcaica: *vou na cidade...*” (p. 564).

⁷ Chiado foi poeta do sec XVI – O autor não apresenta as referências.

6.3. SÉCULO XV

Os exemplos deste século demonstram que houve muito pouca diferença de significação do verbo, que ainda indica movimento de um ponto a outro, havendo, porém, a alternância de grafia:

- (10) E aquela doença era grande batalha em sua alma. De hũa parte queria morrer e hir ao paraisoo e da outra queria uiuer por guarda e aiuda dos religiosos... (p. 101)

Em (10) observa-se que *ir* está acompanhado da preposição *ao*, o que para Menon é um tipo de construção já arcaica na língua. Nesse caso, conforme a autora, há a indicação de que alguém vai a algum lugar fazer alguma coisa. Com o tempo, houve a exclusão do lugar, ficando a construção formada somente com *ir+prep+inf.*, isto é, *ir a fazer*, culminando com *ir fazer*, que mantém o mesmo significado.

Em sua gramática, Dias (1916) apresenta explicações sobre os tempos verbais e trata do uso do imperfeito com sentido de futuro do pretérito, caracterizando-o como um futuro perfeito do pretérito, correspondendo a uma condição. É importante ressaltar, que ao descrever o pretérito imperfeito, Dias (p. 187/188) faz uma relação ao uso da perífrase com o *ir* no pretérito imperfeito e precedido de *a* ou *para*, “como correspondente do imperfeito latino”: Já ia a levantar-se para sair do senado (L. Liberato, Tacito, Annaes, 2, 34). Em relação ao exemplo *ia a levantar-se*, observa-se que este seria uma forma anterior à atual forma perifrástica *ia levantar-se*, e que esta forma já indicaria, segundo o autor, uma maneira de expressar o futuro do pretérito.

Epiphonio Dias (1916) defende que quando a preposição *a* era empregada depois de alguns verbos, entre eles o *ir*, podia:

- a. dar a ideia de movimento para um lugar, porém a ida é para um determinado fim, com volta em seguida, o que não ocorria quando o *ir* estivesse acompanhado de *para*. (p. 117)

- b. Indicar um fim (p. 119), como *ir á pesca* (o acento aparece assim mesmo). O autor dá ainda alguns exemplos interessantes como: *ir á carne = ir buscar carne*).
- c. Podia, também, designar modo: *ir a galope*. (p. 120)

Epiphanio Dias também faz referência ao verbo *ir* quando acompanhado da preposição *a*, ao tratar das construções perifrásticas. Nesta parte ele apresenta algumas construções antigas, sem porém, determinar o período de uso:

Então se foram retirando huns apoz outros (Vieira, I, 801)
(p. 247)

Neste exemplo ele explica que o verbo *ir* quando aparece acompanhado do particípio presente, mais a preposição, pode expressar uma realização gradual da ação.

Ao se referir ao uso do *ir*, acompanhado de verbo no infinitivo mais a preposição, o autor explica que ele exprimirá um futuro imediato:

... he tempo, vamos a fazer nossa obra (Barros, 3, 220, cl. 3, ap. Blut.)
(p. 247)
... Telmo **vai a sahir** (Garret, Fr. Luiz de Sousa, V) (p. 247)

Na perífrase pode também expressar estranheza de um fato que se dê:
(V.G.: *Que foste tu dizer!*) (p. 247)

Segundo o autor, há circunstâncias em que o verbo *ir* aparece no pretérito imperfeito acompanhado de um particípio presente, e indicará uma ação que esteve quase a realizar-se:

la-me esquecendo
la caindo... estatelado no chão (Garret, Viag., 34)
O doente vai melhor, mas ia matando o médico (247).. da Silva,
Mocidade(p. 247).

Há ainda outros exemplos interessantes deste século:

- (11) Elrey levantou-se de manhã e disse:
- (12) - Vaamos ver o cardeal.
- (13) E os uassallos lhe disseron:
- (14) - Senhor, **hido he** já ssa uia e escumungou uós e todo uosso reino. (p. 105)

No exemplo 12 o *vamos ver*, porém, observa-se que o verbo *ir* ainda mantém seu caráter aspectual, de movimento. Não há o completo esvaziamento de sentido atual, indicando futuridade.

Em 14, a ideia seria de “ido é”, como *já foi*. Há no exemplo uma construção sintática pouco usual e já arcaizada na língua, na qual o particípio aparece antes de outro verbo. Sua significação é diferente, pelo fato de estar acompanhado por *ser*, como coisa resolvida, finalizada.

No exemplo 15, o mesmo acontece. Em *hiam honrar* (isto é, estavam indo honrar) o verbo também mantém seu valor aspectual:

- (15) [Um episódio da História de Vespasiano]

E esta dona Clarissa tinha hũu filho, e bautizarõ-no em Iherusalem; e ameude *hiam honrar* a Ihesu Christo, porque tiinhã frande ffee nelle. (p. 108).

6.4. SÉCULO XVI

Os próximos exemplos já são do final do período do português pré-clássico. Nota-se que há poucas diferenças de significado ou de construções sintáticas em todo este período. Porém, é importante registrar as diferenças de grafia e de algumas construções.

No primeiro exemplo, chama a atenção o uso da grafia. Todavia, a construção ainda permanece na língua até os dias de hoje:

- (16) E põee-se ho anel no quarto dedo que chãmã medicus, por quanto dizẽ que nelle he hũa veea de sangue que *vay ataa* o coração. (p. 141)

No próximo exemplo, verifica-se o uso do pronome, que embora ainda permaneça na língua, está cada vez mais arcaizado, conforme já citado por Dias. Contudo, vale a pena observar a construção sintática:

- (17) Tãto que o judeu esto disse, a serpe se deslegou dele e, *hiindo-se* emprouiso, desapareceo e nunca jamais a nenguẽ vio. (p. 144) (De Ho Flos sanctirum em lengoagẽ portugues, edição de 1513, folha 247).

Atualmente, depois de *indo-se* e com a presença de improviso, usar-se-ia a preposição de: "... indo-se de improviso."

O exemplo está com o *ir* no pretérito imperfeito. É interessante observar que, neste período, fica bastante explícita a ideia de imperfeito como algo realizado por um período de tempo, característica que vem se perdendo no uso atual:

- (18) Sendo eu, mesquinho pecador, em tal estado, *hia muyto amyude* andar a espaçar per hũu câpo muy fremoso, cõprido de muytas eruas e frolles de boo odor, mais nunca se sobre partiam aquellas treeuas muy escuras que nos cercauom em derredor e dentro em a minha consciẽcia. (p. 145)

Em 18 verifica-se o uso de *ir* no pretérito imperfeito mais infinitivo. Neste exemplo entende-se que o verbo apresenta um valor modal, principalmente por estar acompanhado por *andar*, que também indica movimento.

6.5. SÉCULO XVII

Nesta fase do português pré-clássico, permanece, nos exemplos dos sermões do Padre Vieira (1655), o valor aspectual do verbo, bastante nítido.

- (19) Sermão padre Veira (1655)

Por não dilatar o teu defejo (o qual tanto mais te agradeço, quanto menos mo deves) iraõ faindo diante, & á desfilada, os que eftiverem mais prontos. (p. 15)

- (20) [...] aos que vão bufcar a feara tão longe, haõs-lhe de medir a femeadura, & haõs-lhe de de contar os paffos. (p.32).

Há neles o uso da letra “f”, no lugar de “s”, do que se conclui um problema de impressão na época. Em (19) a construção causa estranhamento: *iraõ saindo diante*. Para entendê-la seria preciso um estudo melhor, através do qual se obtivesse uma noção do significado do verbo.

Já em (20) há uma construção que permanece na língua até os dias atuais. Chama a atenção de já haver a possibilidade da troca da “perífrase” pela forma sintética de *buscar*: *buscarão*.

6.6. SÉCULO XVIII

Este período surge o chamado português clássico, período assim denominado em função da normatização da língua. Um dos autores que marcaram o período foi Jeronymo Soares Barbosa.

Jeronymo Soares Barbosa, em sua Gramática Filosófica, apresenta, no século XVIII, uma explicação para as chamadas anomalias nas conjugações de alguns verbos. De tais anomalias, surgiram os verbos irregulares, entre eles o verbo *ir*. Ele explica que os verbos irregulares, além de dois tempos que lhes são comuns com os verbos regulares, tem um terceiro, que lhes é próprio. O autor entende que é provável que antigamente, muitos destes verbos tivessem duas formas *infinitas*, das quais uma ficou no modo infinitivo e a outra passou a ser usada nos futuros imperfeitos do subjuntivo, como é o caso dos verbos *ser* (fôr) e *ir* (fôr).(p. 270).

Mais adiante, ao explicar alguns usos de advérbios ele cita:

Hir por diante (p. 326)

Este exemplo apresenta o verbo acompanhado da preposição por. Ele também lembra o exemplo (19), com “irão saindo diante...” . Sem o contexto, não se pode determinar a significação da expressão, somente supondo-se que signifique “*Ir em frente*”. Na mesma página, ao explicar o uso das preposições ele cita ainda um exemplo bastante interessante, e que teria um significado muito diferente nos dias de hoje. Ele apresenta alguns exemplos com preposições e explica que o exemplo: *Foi-se a ele*, significaria *Foi contra ele*.

6.7. SÉCULO XIX

A partir deste século, observam-se nitidamente as mudanças que as expressões de futuro começam a apresentar. Anteriormente, o que se verificou foi o uso do verbo *ir* em muitas locuções verbais, nas quais ele mantinha seu valor aspectual fortemente marcado, como auxiliar. Neste período, porém, começa a aparecer a concorrência entre as formas de expressão de futuro com três variáveis: o futuro sintético, o presente e as perífrases com *haver* e *ir* mais infinitivo. O que se observou, foi que o esvaziamento semântico do verbo *ir*, no caso das perífrases começa a se manifestar. Até o final do século XX, estudos têm demonstrado que o verbo *ir*, nas perífrases vai perdendo sua carga semântica e se solidificando como um auxiliar de futuro, isto é, ele vem deixando de ser um auxiliar e vem quase adquirindo uma ideia de um prefixo, indicador de futuridade.

Observou-se que as perífrases com o verbo *haver* começaram a sofrer concorrência com as perífrases com *ir* e com o presente, para indicar futuro

O exemplo, retirado do livro *A Moreninha*, demonstra a distinção de significados que as duas perífrases passaram a ter:

- (21) Por último uma terceira de quatorze anos... moreninha, que, ou seja, romântica ou clássica, prosaica ou poética, ingênua ou misteriosa, **há de**, por força, **ser** interessante, travessa e engraçada; e por conseqüência qualquer das três, ou todas

ao mesmo tempo, muito capazes de fazer de minha alma peteca, de meu coração pitorra!... Filipe, **vou visitar** tua avó. (p. 14)

Neste exemplo, a perífrase com o verbo *haver* imprime um caráter mais modal, “*Deve, por força, ser interessante travessa e engraçada;*” e a idéia de tempo futuro foi expressa através da perífrase com o verbo *ir*.

Em (22), (23) e (24) é possível perceber melhor as distinções entre o uso das formas perifrásticas e da sintética:

- (22) É promessa, **há de cumprir-se**. (p.24).
- (23) “... Agora é que ele **vai namorar** deveras”... (p.25).
- (24) Ao cabo era amigo, não **direi** ótimo, mas nem tudo é ótimo neste mundo.(p.26).

Os três exemplos foram retirados do livro *Dom Casmurro*, e a comparação entre eles denota as diferenças entre as formas utilizadas. No primeiro, há o sentido de dever, quanto ao que será feito. Nos outros dois, parece haver uma similaridade semântica entre a forma da perífrase com o verbo *ir* e o futuro simples, com a diferença de que a perífrase tanto carrega um valor modal quanto temporal.

6.8. SECULO XX

Conforme pesquisa realizada sobre o verbo *ir*, para dissertação de mestrado (Strogenski, 2010), o verbo *ir* mantém muitas de suas significações no século XX, porém perdeu o uso de algumas preposições. Todavia, o fato que mais chama a atenção neste período é a perífrase com *ir*, denotando sentido de futuridade. A hipótese que ensejou aquele trabalho foi a de que a perífrase formada com o verbo *ir*, no presente do indicativo, estaria substituindo a forma sintética do futuro do presente, como forma de expressar o tempo futuro, no PB.

Essa hipótese confirmou-se, no sentido de que esta perífrase, atualmente, já pode ocupar a forma do futuro do presente sintético em praticamente todos os contextos. Porém, verificou-se, também, que ainda que o verbo *ir* esteja em final de processo de gramaticalização, ele não perdeu seu significado, mantendo-se no PB como um verbo pleno, que significa movimento espacial, como um verbo auxiliar com forte característica modal para a indicação de certeza, de intencionalidade, e como um codificador de futuro.

(25) Mas agora se salvará pois Fräulein fica. Os dois cônjuges se sentem descansadamente satisfeitos.

(26) **Vão se vestir, vão viver.**

Amar Verbo intransitivo, p.87.

(27) Dizia para si mesmo que **ia fazer** dinheiro para ela e para o filho, **voltaria** com um ano.

Terras do Sem Fim, p. 25

(28) Junto da doente, morrem todas as coragens dela, se põe chorando amalucada, quer se mover e não atina com o que **vai fazer**.

Amar Verbo Intransitivo, p. 114.

Através do corpus utilizado para a dissertação, ressaltaram-se alguns usos relativamente novos com a perífrase com *ir*. Houve a ocorrência de perífrase com o verbo *ir* indicando futuro do presente ou do pretérito, acompanhada de outro verbo auxiliar e mais um verbo no infinitivo,:

(29) - Onde **será** que **eu vou poder encontrar** de novo aquela mulata?

O Xangô de Baker Street, (p. 153).

(30) O coronel **ia mandar matar** Juca, mas queria que fosse ele quem desse a ordem ao jagunço, assim, ele entraria para o rol dos homens valentes de Ilhéus...

Terras do Sem Fim, (p. 247)

- (31) O que aconteceu foi o seguinte: eu saquei que, com o dinheiro do banco, eu nunca **ia poder comprar** as coisas.

Paris 98, (p. 12).

- (32) Tinha todas as frases que eu **ia precisar dizer** lá na França.

Paris 98, (p. 28).

De maneira geral foi possível concluir, em relação à hipótese geral do trabalho, que as perífrases com o verbo *ir*, indicando futuro, ganharam espaço progressivamente e de forma constante.

Entre os objetivos daquele trabalho estava, ainda, o de se verificar, nos textos literários, se a construção perifrástica formada com *ir+inf.* estaria se equiparando à forma sintética do futuro simples e se essa comparação poderia ser feita por período de 50 anos. O que se pode perceber é que sim, a perífrase com verbo *ir + inf.* está se igualando em uso à forma do futuro simples e que esta mudança pode ser verificada por período, mostrando um efeito ascendente da forma inovadora.

A variável futuro do pretérito, nesta análise, demonstrou estar passando por um processo semelhante ao futuro do presente, em relação às formas perifrásticas, até mesmo por apresentar formas verbais alternativas para expressá-lo, como é o caso do pretérito imperfeito. O estudo das formas verbais no imperfeito demonstrou um discreto, mas crescente aumento destas formas na representação deste tempo verbal.

A distinção entre as formas do imperfeito, como as terminadas em *-ia* e *-ava* mostrou-se produtiva quanto à preferência pelas formas em *-ia*. Isso acontece em grande parte, em função dos verbos modais. Porém, há uma questão fonológica que pode interferir na morfologia verbal, pois formas como *preferia*, pareceram ser mais constantes que *preferiria*, o que pode estar relacionado ao morfema [r].

7. ANÁLISE SOB UMA PERSPECTIVA SINCRÔNICA DO VERBO IR

Conforme dito, este trabalho seguiu duas correntes metodológicas, no que se refere ao processo de gramaticalização. A primeira, segue as ideias de Weinrich, Labov e Herzog (2006), para os quais é importante o estudo diacrônico das Línguas para entender e melhor explicá-las. No entanto, a teoria da Mudança Linguística proposta por eles prevê uma análise dos fatores sociais condicionantes da mudança. Isso significa um estudo de línguas em uso e não de línguas arcaicas pois, para eles, é preciso verificar fatores sociais e de uso que implementam a mudança.

Então, em um estudo diacrônico, é preciso estudar períodos definidos e, através deles, sob uma visão sincrônica, analisar os dados. Como este estudo tem por escopo estudar a história do verbo *ir*, isso só é possível através de textos escritos. Sendo assim, foi adotada, para a análise sincrônica, a teoria de gramaticalização proposta por Hopper & Traugott (1993). Com base nesta teoria e, em se tratando do verbo *ir*, foi possível analisar cada etapa do processo, conforme demonstrado abaixo:

Estratificação: ao se afirmar que duas formas podem coexistir, uma inovadora e outra antiga com função similar, pois novas camadas surgem continuamente, isso pode ser verificado com as formas de representação do futuro no Português do Brasil, nas quais a forma perifrástica com o verbo *ir* e a sintética ou analítica, tanto no futuro do presente como no futuro do pretérito, convivem há algum tempo.

Divergência: A forma gramaticalizada do verbo *ir* aparece quando ele funciona como auxiliar de futuro, pois ele não perdeu totalmente sua significação original. Ele vem se gramaticalizando como forma auxiliar de representação do futuro, o que não significa que ele perderá sua significação como verbo pleno.

Especialização: No Português do Brasil, a perífrase com *ir* está se especializando como marcação de futuridade, enquanto o verbo pleno mantém sua significação. Há diferenças semânticas, pois como auxiliar de futuro o verbo *ir* perde seu sentido aspectual de movimento.

Persistência: O verbo *ir*, especialmente na perífrase do futuro do presente, encontra contextos que o restringem. Esse é o caso, por exemplo, de seu uso em perífrases em que ele funciona como verbo auxiliar e principal *vou ir* (ver Menon, 2003). Há ainda construções em que ele mantém seu traço aspectual de movimento, o que modifica o sentido semântico da perífrase conforme visto.

Descategorização: O verbo *ir* vem modificando sua categoria gramatical de verbo pleno para verbo auxiliar.

A análise sincrônica do processo de gramaticalização do verbo *ir* tem sido objeto de estudo já há algum tempo na língua. Todavia, ainda que estes estudos sejam de grande importância, é necessário um estudo diacrônico do processo, para se entender como o verbo pleno teve seu significado alterado, e porque se especializou como uma forma de representação de futuro na língua.

CONCLUSÃO

O objetivo que ensejou a presente pesquisa, foi o de estudar a história do verbo *ir* e, principalmente, se seria possível registrar o processo de gramaticalização do verbo.

Conforme dito, muitos têm sido os trabalhos que têm falado do processo de gramaticalização deste verbo, em uma perspectiva sincrônica. Tais estudos tem se mostrado inconclusivos quanto à finalização do processo de gramaticalização, principalmente porque, conforme, Menon, a finalização da gramaticalização seria o

registro escrito do verbo *ir* em perífrases com *ir*, como auxiliar e principal, do tipo “*vou ir*”. Isso porque, o que tem impedido a finalização do processo, seria o argumento de que em *vou ir* há uma redundância de sentido, pois ambos são mesmo verbo. Ocorre que, se entendermos o verbo *ir* como um codificador de futuro, por assim dizer, ele já não mantém mais, neste caso, seu significado de verbo pleno, aparecendo somente como um indicador de tempo futuro.

No entanto, neste trabalho, entendeu-se, em primeiro lugar, que demonstrar o processo de gramaticalização seria o demonstrar as modificações morfossintáticas ocorridas pelo verbo até a perda da carga semântica, no caso do uso das perífrases.

Para isso, foi importante um estudo de cunho diacrônico, através do qual se demonstrassem todas as variações ocorridas pelo verbo (inclusive para se observar há quanto tempo de fato as perífrases estão ocorrendo na língua, com sentido de futuridade). A visão diacrônica permitiu entender as diferentes significações e mudanças em nível morfológico e sintático, para se compreender como o verbo culminou como um auxiliar de futuro.

Também foi possível observar o processo do verbo para culminar como um auxiliar de futuro. Foi visto que as diferentes significações explicariam uma certa especialização semântica do verbo (indicando predominantemente movimento) o que facilitou seu uso como auxiliar de futuro.

No entanto, a pesquisa ficou limitada ao número de exemplos conseguidos. Foram poucas as ocorrências do verbo, no pretérito imperfeito ou subjuntivo, que permitissem melhores conclusões. Ainda assim, alguns exemplos foram importantes e esclarecedores e permitiram algumas conclusões.

Uma das questões que chamou a atenção foi a de se observar, no século XV, o exemplo (12), no qual o verbo mantém seu sentido aspectual de movimento, porém já indicando uma ação futura:

(12) - Vaamos ver o cardeal.

Em (12), *vamos* mantém uma carga aspectual, com a ideia de se *estar indo*, isto é, de precisar haver o movimento de ir para se chegar ao cardeal. Isso poderia, junto com os exemplos com a preposição *a*, conforme explicado por Menon, demonstrar como o verbo fez o caminho para chegar a ser um auxiliar de futuro.

Também foi possível verificar alguns contextos sintáticos muito diferentes do uso atual. Percebeu-se que a regência do verbo modificou-se com o tempo, alterando-lhe o significado, em alguns contextos, e especializando-o em outros.

Exemplo disso são as significações que o verbo tinha no latim e que perderam-se com o tempo.

Há exemplos como o da página 27, com o verbo acompanhado de gerúndio “vão florescendo, O mar vai embravecendo” que indicariam processo.

Muitos foram os exemplos e muitos ainda faltaram para tornar este estudo mais completo. Contudo, ficou claro que as alternâncias de significado e construções sintáticas foram fatores que contribuíram para o verbo chegar à significação que chegou. Se hoje estuda-se o verbo *ir* como um auxiliar de futuro em finalização de processo de gramaticalização, somente um estudo diacrônico será capaz de explicar como esse processo aconteceu.

Assim, a conclusão mais importante deste estudo foi o se confirmar que o verbo *ir* está se gramaticalizando e que este processo pode ser verificado e explicado. Porém, para explicá-lo, mesmo que sincronicamente, é essencial uma análise diacrônica que demonstre a quanto tempo este processo vem ocorrendo e por quê.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado. **Dom Casmurro**. Biografia de M. Cavalcanti Proença; Estudo Introdutivo e notas de Afrânio Coutinho e Introdução de Ivan Cavalcanti Proença. Ediouro S.A. – Coleção Prestígio.

CARLOS PEREIRA, Eduardo. **Gramática Expositiva**: curso superior. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1907.

_____. **Grammatica Historica**. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929.

DIAS, Augusto Epiphânio da Silva Dias. **Syntaxe Histórica Portuguesa**. 5. ed.. Lisboa: Livraria Clássica Editora A. M. Teixeira & C.A (FILHOS) Lda, 1916.

GÖRSKI, Edair Maria, et al. Variação nas Categorias Verbais de Tempo e Modo na Fala de Florianópolis. In: (Organizado por) VANDERSEN, Paulino. **Variação e Mudança no Português Falado da Região Sul**. Pelotas: Eucat, 2002.

HOPPER, Paul J, TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Gramaticalization**. Cambridge : Cambridge University Press, 1993. 278 p.

ILARI, Rodolfo. **A Expressão do Tempo em Português**. 2 ed. São Paulo : Contexto, 2001. (Repensando a Língua Portuguesa).

WIKILIVROS - Latim/Verbos/Infinitivo e Imperativo. Acessado em 20/01/2013. Disponível em http://pt.wikibooks.org/wiki/Latim/Verbos/Infinitivo_e_Imperativo

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. **Dicionário de Lingüística e gramática: referente à língua portuguesa**. 13^a ed. Petrópolis: Vozes, 1986

_____. Contribuição à estilista portuguesa. 3. ed. revisada. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

_____, Joaquim. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 32. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1970.

_____, Joaquim. **Uma forma verbal portuguesa – estudo estilístico gramatical**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico – fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

MENON, Odete Pereira da Silva. “Perífrases com o verbo *ir*: variação e gramaticalização”. In: PUSCH, Claus D. & Andreas WESCH (HG.) **Verbalperiphrasen in den(ibero-) romanischen Sprachen**. Hamburg: Helmuth Buske Verlag. 2003.

NUNES, José Joaquim. **Crestomatia Arcaica** – excertos da literatura portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI. 7. ed. Lisboa: A. M. Teixeira & C.^a (Filhos), Lda., 1906.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 7. Ed. Melhorada e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971. Biblioteca de Filologia, volume 19.

STROGENSKI, Maria José Ferreira. **O USO DA EXPRESSÃO DO FUTURO EM TEXTOS LITERÁRIOS**: Uma análise em tempo real de curta duração. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade federal do Paraná, Paraná.

Sermoens do P Antonio Vieira, da Companhia de Iesu, Pregador de Sua Alteza. Primeyra Parte Dedicada ao Principe, NS. Na officina de Ioan da Costa. Lisboa, M. DC. LXXIX. Com todas as licenças & Privilegio Real. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01952510#page/15/mode/1up>. Acessado em 03/03/2013. Brasilia USP, 1677.

SOARES BARBOSA, Jeronymo. **Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza**. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1822. XIV, 466. Disponível em: <http://purl.pt/128>, acessado em 10/08/08.

WACHOWICZ, Teresa Cristina; FOLTRAN, Maria José. Sobre a noção de aspecto. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem – Campinas, SP, nº 1 (ago. 1978 -) Publicação semestral. P. 211 – 232.

WEINRICH, Uriel. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog; tradução Marcos

Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. – São Paulo: Parábola Editorial, 2006.